

# INTERSINDICAL - CENTRAL DA CLASSE TRABALHADORA

## Nilza Pereira de Almeida

Bom dia a todos e todas.

Como o Vítor disse, sou Nilza, sou secretária-geral da Intersindical. A nossa central não tem presidente, mas, nesse caso, o cargo equivale à presidência; nós fizemos uma estrutura horizontal.

Então, presidenta da Intersindical e, felizmente, com essa possibilidade, a gente pode andar bastante, e isso abriu muitas portas para a gente estar participando das atividades e eventos que dizem respeito à classe trabalhadora.

Nós temos muitos desafios. A gente tem um primeiro desafio que o Vítor colocou. Eu estava conversando com o Fernando agora há pouco e tenho pensado muito, nós temos pensado muito sobre isso: a questão dos salários. Porque, à medida que nós valorizamos o salário mínimo — e a política de valorização do salário mínimo foi a mais acertada da nossa história, porque a gente incluiu muitas pessoas que vivem do salário mínimo, principalmente nos interiores do Brasil, os aposentados, empregadas domésticas e algumas pessoas que têm como referência o salário mínimo —, a gente incluiu essas pessoas no consumo, tirou daquela situação de humilhação que existia até antes dessa política de valorização.

Só que os salários dos trabalhadores e trabalhadoras registrados, de modo geral, não acompanharam esse crescimento do salário mínimo; foram ficando rebaixados.

Eu sempre cito como exemplo a categoria da qual participo, que é a dos químicos, que, no início dos anos 2000, o piso da categoria equivalia a mais ou menos cinco salários mínimos. Hoje, o piso da categoria equivale a 1,7 ou 1,8 salário mínimo. Então, não é que o salário mínimo deveria ficar mais baixo; é que os salários dos trabalhadores também deveriam ter seguido a mesma lógica de aumento real, e nós não tivemos isso. E isso ocorreu, de modo geral, na indústria, no comércio e nos serviços.

Então, hoje, a gente tem uma realidade de salários achatados, o que vai causar todos os problemas que a nossa classe vive: o problema do endividamento, o problema de precisar de auxílio para continuar subsistindo. Tem trabalhador e trabalhadora que recebem salário e, ainda assim, recebem auxílio do governo, como o Bolsa Família, ou outro, porque o salário, dividido pelo número de pessoas da família, não é suficiente para sobreviver somente com ele.

Isso é uma situação humilhante, porque sempre — pelo menos na mi-

nha geração, para as pessoas que têm mais de 50 anos — a gente ouviu dizer que o trabalho é que dignificava o homem e a mulher, que ter trabalho e sustentar a família era o importante. E hoje muitas famílias não se sustentam, mesmo as pessoas tendo emprego, mesmo as pessoas estando registradas e trabalhando.

Então, esse é um desafio para a gente pensar no próximo período: o DIEESE nos ajudar — e é óbvio que já nos ajuda —, mas pensar como a gente faz essa campanha conjunta, como as centrais, como os sindicatos de trabalhadores, nas suas datas-bases, como a gente faz para melhorar o salário dos trabalhadores.

Eu sei — aqui não tenho nenhuma ilusão — que a disputa central é pelo lucro. É uma velha e boa luta de classes, em que os patrões não abrem mão de ficar com toda a produção da nossa força de trabalho. Mas nós temos que entrar um pouquinho mais nessa disputa, colocando que a nossa participação está muito pequena. Esse é um desafio.

O outro desafio, ainda pensando na questão de valorização dos salários dos trabalhadores, é o fim da escala seis por um, a redução da jornada de trabalho e o fim da escala seis por um. Porque, para muitos — principalmente para os servidores públicos, e aqui isso não é nenhum demérito, mas principalmente os servidores públicos que não são aqueles professores, por exemplo, que têm que corrigir prova no final de semana —, em geral, a semana é de segunda a sexta, bem tranquila. Não sei se compensa as quatro horas durante a semana, isso eu já não sei. Mas, para os trabalhadores da indústria, comércio e serviços, essa escala é um terror.

Na indústria tem? Tem, na indústria tem, porque os trabalhadores compensam as quatro horas durante a semana ou vão trabalhar aos sábados, ou todos os sábados, ou sábado sim, sábado não, com jornadas extensas.

Então, é um desafio para a gente, como trabalhadores, e com todos os trabalhadores. Não dá para ser uma luta de uma categoria; é uma luta dos trabalhadores e das trabalhadoras pela redução da jornada de trabalho.

O outro desafio é a inclusão dos novos — eu ainda não achei uma definição — trabalhadores, que são os trabalhadores por aplicativo, mediados por aplicativo, são os trabalhadores que se intitulam sem direitos, principalmente o pessoal que é camelô, que é uma classe trabalhadora que faz parte da construção da massa de consumo do nosso país, da massa de renda, na verdade, do nosso país, e que hoje não tem proteção total.

E, por fim — acho que não vou poder incluir mais, acho que esses três principalmente são os nossos desafios —, parabenizar o DIEESE pelos 70 anos. Dizer que eu tenho um orgulho danado, porque acho que sou uma das pessoas mais orgulhosas de participar, de fazer parte da direção. Fui aluna da escola e faço a maior propaganda. O nosso sindicato faz uma campanha para, em

todos os semestres, ou pelo menos em um semestre, ter alunos na escola, porque a Lilica estava apresentando que os alunos são, em média, muitos homens com mais de 40 anos. E aí eu fiquei pensando: isso é o perfil dos sindicatos e da classe trabalhadora.

NILZA PEREIRA DE  
ALMEIDA